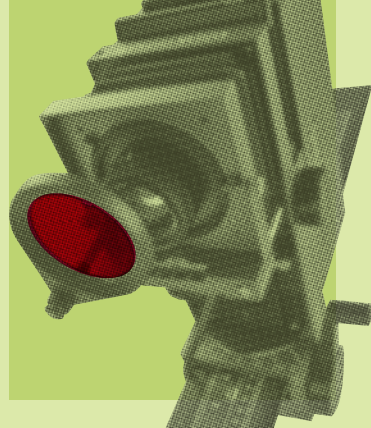


Exposição de 10 de agosto
a 30 de dezembro de 2024
Fórum Cultural das Neves
Viana do Castelo

«*Filhos do Neiva*»

ENCONTROS FOTOGRAFICOS DAS NEVES



Seleção de Diamantino Quintas,
fundador do Diamantino Labo Photo :

Agnès Varda
Gilles Caron
James Barnor
Diane Arques
Lucie Belarbi
Richard Bellia
Karen Paulina Biswell
Michella Bredahl
Luigi Clavareau
Évelyne Coutas
Silvy Crespo
Denis Dailleux
Jeanne-Éléonore Féton
Thomas Gosset
Marion Grébert
Sara Imloul
Chloé Jafé
Estelle Lagarde
Diana Lui
Juliana Maar
Marianne Marić
Yan Morvan
Thomas Paquet
Jean-Philippe Pernot
Reflektor alias Jini Afonso
Yulia Shibirkina
Patrick Taberna
Clémence Veilhan
Sophie Zénon

Acompanhado no projeto
“Filhos do Neiva” pelos fotógrafos
Domingos Jaques, Carlos Novo
“Lilo” e Jaime Pereira



Fotografia recortada: *Romy Schneider no programa Dim Dam Dom* (1969) © Fundação Gilles Caron

Bem-vindos
à Exposição
"Filhos do Neiva"
**ENCONTROS
FOTOGRAFICOS
DAS NEVES**

Fórum Cultural das Neves
Viana do Castelo

Bienvenue
à l'Exposition
« Enfants de Neiva »
**RENCONTRES
PHOTOGRAPHIQUES
DE NEVES**

Forum Culturel de Neves
Viana do Castelo, Portugal



“Filhos do Neiva”

ENCONTROS

FOTOGRAFICOS

DAS NEVES

PREFÁCIO

O Neiva, uma foto, uma foto do Neiva, uma foto do Neiva de Diamantino. Tirada nos anos 80 (1982 para ser exacto), entre dois mergulhos e algumas gargalhadas com amigos, finalmente chegou até nós. Era o seu destino.

Não vem sozinha, mas pela mão do Mestre Diamantino. Com ela, uma seleção de fotografias que a acompanham no seu dia a dia, no seu mundo. A ampliação analógica.

Um momento único, uma homenagem merecida, onde ele sonhou, nas Neves. “Tino da Ribeira” é hoje um homem feliz, mas a felicidade está também no coração de quem o acompanha nesta maravilhosa aventura.

Parabéns, Tino, estás onde sonhaste estar, na tua terra natal.

Domingos Jaques

PRÉFACE

Le Neiva, une photo, une photo du Neiva, une photo du Neiva par Diamantino. Prise dans les années 80 (1982 plus exactement), entre deux plongeurs et quelques rigolades entre potes, elle nous est enfin arrivée. C'était son destin.

Elle ne vient pas toute seule, mais par la main du Maître Diamantino. Avec elle, une sélection de photographies qui l'accompagnent dans son quotidien, dans son univers. Le tirage argentique.

Un moment unique, un hommage bien mérité, là où il en rêvait, à Neves. « Tino da Ribeira » est aujourd'hui un homme heureux, mais le bonheur est dans le cœur de ceux qui l'accompagnent dans cette merveilleuse aventure.

Félicitations, Tino, tu es là où tu rêvais d'être, dans ton village natal.

Domingos Jaques

INTRODUÇÃO

Esta exposição fotográfica no Fórum Cultural das Neves deve-se a uma conversa que tive com a amiga Aída Augusto em Paris, a propósito de alguém de Vila de Punhe, e de quem eu não tinha memória, embora conhecesse toda a restante família, de seu nome Diamantino Ribeiro Quintas.

De visita ao seu laboratório, em Paris, em Fevereiro passado, tomo conhecimento que ele tem uma fotografia do rio Neiva para oferecer à sua terra natal e que, por uma razão ou por outra, teimava em não chegar. Naquele momento sugeri que ela fosse definitivamente oferecida. Faríamos uma cerimónia de entrega e oferta da mesma, com animação das Cantadeiras do Vale do Neiva.

Este evento, “Os filhos do Neiva” nasceu nesse preciso momento.

Fi-lo com sentido de responsabilidade, de dever moral e ético, pois estávamos perante a pessoa do Diamantino Ribeiro Quintas. Um Homem com os maiores créditos a nível mundial, no âmbito da Fotografia e ampliação analógica.

Foi assim, quase do nada!

Josefina Fernanda Bouças

INTRODUCTION

Cette exposition photographique au Forum Culturel de Neves, résulte d'une conversation que j'ai eue avec mon amie Aída Augusto à Paris. Nous évoquions quelqu'un de Vila de Punhe, un certain Diamantino Ribeiro Quintas, dont je n'avais aucun souvenir, bien que je connaisse toute sa famille.

Lors de ma visite au Diamantino Labo Photo à Paris en février dernier, j'ai appris qu'il souhaitait offrir une photographie de la rivière Neiva à son village natal, mais pour une raison ou une autre, celle-ci n'était toujours pas arrivée. J'ai alors proposé que cette photo soit enfin offerte.

Nous organiserions une cérémonie de remise, animée par les Cantadeiras do Vale do Neiva.

C'est ainsi qu'est né l'événement les « Enfants du Neiva ».

J'ai entrepris cette initiative avec un profond sens de responsabilité, de devoir moral et éthique, car nous étions en présence de Diamantino Ribeiro Quintas, un homme mondialement reconnu dans le domaine de la Photographie, du tirage Argentique.

Et voilà, tout est parti de presque rien !

Josefina Fernanda Bouças

QUEM SÃO OS “FILHOS DO NEIVA” ?

Como é que as Neves se tornou um ponto de encontro dos apaixonados de fotografia?

Domingos Jaques, “Mingos da Ti’ Ana da Guarda”



Nasceu a 4 de Abril de 1962 nas Neves, Vila de Punhe. Partiu para França para se juntar aos pais, em Paris, aos 17 anos. Com apenas 20 anos, o seu primeiro salário serviu para comprar a primeira máquina fotográfica. Inspirado em Ansel Adams e na sua máxima “*não se trata de transmitir uma visão, mas de tocar as pessoas através de uma imagem*”, capta com precisão e emoção vários temas: desporto, charme académico, relojoaria e cutelaria. A sua paixão pelo futebol permitiu-lhe apurar o pé e o olho, encontrando sempre o ângulo certo para rematar. O seu estilo único, a preto e branco ou a cores, atesta a sua ligação à terra natal, nomeadamente nos “*Filhos do Neiva*”, onde o homem e a emoção estão no centro do seu trabalho.

Né le 4 avril 1962 à Neves, Vila de Punhe. Il part rejoindre ses parents à Paris à 17 ans. À peine âgé de 20 ans, avec son premier salaire, il achète son premier appareil photo. Inspiré par Ansel Adams et sa maxime « *il ne s'agit pas de transmettre une vision mais de toucher les gens à travers une image* », il capture avec précision et émotion divers sujets : sports, charme académique, horlogerie, et coutellerie. Sa passion pour le ballon rond lui a permis d'affûter aussi bien son pied que son œil, trouvant à chaque fois le bon angle de frappe. Son style unique, en noir et blanc ou en couleur, témoigne de son attachement à sa région natale, notamment dans « *Filhos do Neiva* », où l'homme et l'émotion sont au cœur de son travail.

Carlos Novo, “Lilo do Perna”



Nasceu a 2 de Novembro de 1957 nas Neves, Vila de Punhe. Um habitante fiel à sua região e à casa de sua infância, que nunca abandonou. Aos 12 anos recebeu a sua primeira máquina fotográfica e logo se apaixonou pelos retratos de família, que captou com cuidado. “*O cinema era um luxo, por isso concentrei-me nos retratos.*” Começando com uma Kodak Instamatic, Lilo evoluiu para dispositivos mais sofisticados. Fotógrafo documental, capta os ritos pagãos e religiosos do quotidiano social e cultural do Vale do Neiva. Com os amigos de infância, apelidados de “os mosqueteiros”, partilha a riqueza cultural da sua região. Inspirado em Miguel Torga refere que o “*universal é o local menos as paredes*”, uma frase que ecoa profundamente na sua visão.

Né le 2 novembre 1957 à Neves. Un résident fidèle à sa région et à sa maison d'enfance qu'il n'a jamais quitté. À 12 ans, il reçoit son premier appareil photo et se passionne pour les portraits familiaux qu'il capture avec soin. « *La pellicule était un luxe, alors je me concentrais sur les portraits.* » Débutant avec un Kodak Instamatic, il progresse vers des appareils plus sophistiqués. Photographe documentaliste, il capture les rites païens et religieux du quotidien social et culturel de la vallée du Neiva. Avec ses amis d'enfance, surnommés « *les mousquetaires* », il partage la richesse culturelle de sa région. Inspiré par Miguel Torga qui dit que « *L'universel, c'est le local moins les murs* », une citation qui résonne profondément avec sa vision.

QUI SONT LES « ENFANTS DE NEIVA » ?

Comment Neves est-il devenu un point de rencontre pour les passionnés de photographie ?

Jaime Pereira, “Filho da Rosinha Fonelha”



Nasceu a 18 de Janeiro de 1960, em Barroselas. Aos 9 anos entrou no seminário, embora sem intenções de ser padre. Aos 20 anos, apesar das dificuldades de adaptação ao regresso, rapidamente se ambientou à sociedade. É próximo do amigo Lilo, com quem compartilha a paixão pela fotografia e aventuras ousadas, chegando até a fotografarem-se nus! Em 2010, durante um safari em África, descobriu os seus temas preferidos. Desde então, captou com precisão a fauna, a flora e os habitantes da região, principalmente nas suas atividades agrícolas. Jaime, profundamente ligado à sua região natal e ao mesmo tempo aberto ao mundo, encarna uma personalidade cosmopolita do Vale do Neiva.

Né le 18 janvier 1960 à Neves. À 9 ans, il est envoyé en séminaire, bien que non destiné à devenir prêtre. À 20 ans, malgré des difficultés d'adaptation à son retour, il s'acclimate rapidement à la société. Proche de son ami Lilo, avec qui il partage une passion pour la photographie et des aventures audacieuses, allant même jusqu'à se photographier nus ! En 2010, lors d'un safari en Afrique, il découvre ses thèmes de prédilection. Depuis, il capture avec précision la faune, la flore et les habitants de la région, notamment dans leurs activités agricoles. Jaime, profondément attaché à sa région natale tout en étant ouvert au monde, incarne une personnalité cosmopolite de la vallée du Neiva.

Diamantino Quintas, “Tino da Ribeira”



Nasceu a 9 de Setembro de 1960 em Outrela, Vila de Punhe. Com as duas argolas na orelha e a bata branca, Diamantino Quintas é apelidado de “Corto Maltese do laboratório cinematográfico” pela jornalista Sylvie Hugues, do Camera. Chegou à França em 1982 e descobriu a sua paixão pela impressão fotográfica. Após experiências na Graphicolor, Publomod, Gamma e Sipa, em 2009 criou o seu próprio laboratório dedicado aos processos analógicos, prosseguindo contra a tendência digital para poder exercer a sua profissão e expressar-se com total liberdade. Torna-se uma referência internacional para fotógrafos exigentes. A sua empresa, premiada com o selo Entreprise du Patrimoine Vivant, atesta a sua excelência. Mestre da ampliação analógica de grande formato e personalizada, apoiando os artistas na sua criação, Diamantino continua a transmitir a sua paixão e o seu conhecimento às novas gerações, fazendo dela o seu cavalo de batalha para a sustentabilidade desta arte.

Né le 9 septembre 1960 à Outrela, Vila de Punhe. Avec ses deux anneaux à l'oreille et sa blouse blanche, Diamantino Quintas est surnommé le « Corto Maltese du labo argentique » par la journaliste Sylvie Hugues de Camera. Il arrive en France en 1982 et découvre sa passion pour le tirage photo. Après ses expériences chez Graphicolor, Publomod, Gamma et Sipa, il crée en 2009 son propre laboratoire dédié aux procédés argentiques, allant à contre-courant de la tendance numérique afin de pouvoir pratiquer son métier et s'exprimer en toute liberté. Il devient une référence internationale pour les photographes exigeants. Son entreprise, couronnée par le label Entreprise du Patrimoine Vivant, atteste de son excellence. Maître du tirage en grand format et sur mesure, accompagnant ses artistes dans leur création, Diamantino continue de transmettre sa passion et son savoir-faire à la nouvelle génération, devenu son cheval de bataille pour la pérennité de cet art.



Diamantino Quintas, *Rio Neiva*. Ampliação 180 x 120 cm, papel Kodak Endura Metallic, moldura em carvalho, tipo Diasec por o Atelier Image Collée (Montreuil).

“Esta foto do Neiva, foi captada numa época em que eu não imaginava que a fotografia seria o meu destino. Aos 19 anos, tão jovem, com todos os meus sonhos e as minhas incertezas quanto ao futuro.” Diamantino Quintas.

« Cette photo du Neiva, capturée à un moment où je ne savais pas encore que la photographie serait mon destin. À 19 ans, si jeune, avec tous mes rêves et mes incertitudes sur l’avenir », Diamantino Quintas.



Carlos Novo « Lilo »

Trecho da exposição Extrait de l'exposition

“Neiva: o berço onde os três fotógrafos da região imortalizaram, interpretaram e se inspiraram.”

« Neiva : le berceau où les trois photographes de la région ont immortalisé, interprété et puisé leur inspiration. »



Domingos Jaques



Jaime Pereira

Diamantino Quintas

ESCUITOR DE LUZ

O campo da fotografia não é exclusivo dos fotógrafos! É-o também dos artesãos que fazem discretamente as suas impressões, pois sem elas não há imagem. Ao optar pelo artesanato artístico, Diamantino percorreu desde muito cedo o caminho da excelência: fiel às suas intuições, trabalhando incansavelmente com o mais pequeno gesto para servir os artistas. Homem-orquestra operando nas sombras, combinando escuta atenta e trabalho para traduzir as intenções dos fotógrafos, o impressor é uma espécie de parteira das imagens.

Depois de décadas passadas nos principais laboratórios parisienses, Diamantino decidiu fundar a sua própria empresa. Hoje é o fiel companheiro dos maiores fotógrafos do

mundo. Mas também sabe apoiar jovens talentos, disponibilizando a sua grande experiência e abertura de espírito para experimentar novos processos, integrando o mais contemporâneo cenário artístico.

Ansioso por transmitir a sua arte, Diamantino atua como um mestre medieval na sua oficina-laboratório: rodeia-se de aprendizes e faz prova de uma lendária exigência. Todos aqueles que foram formados por Diamantino são hoje os melhores embaixadores de um conhecimento excepcional na arte da ampliação analógica.

Na sua câmara escura, uma das maiores de França, Diamantino faz dançar as mãos à luz dos ampliadores. Diz-se um “escultor de luz”, exercendo um poder quase mágico para realçar sombras e luzes, e assim dar vida às imagens. Quem não renunciou à fotografia analógica na era digital dá-nos uma lição: o tempo não existe.

Michel Poivert
Historiador da fotografia
Universidade Panthéon-Sorbonne



Diamantino Quintas e a sua equipa, Romain Hemon, Nicolas Blanco et Nino Paolozzi (estagiário), 2023.

Diamantino Quintas et son équipe, Romain Hemon, Nicolas Blanco et Nino Paolozzi (stagiaire), 2023.



© Benoît Pellerin, 2024

Enquanto a imagem de um negativo é projectada no papel, na câmara escura, Diamantino trabalha com a luz mascarando certas áreas para subexpor ou sobreexpor, de modo a obter a impressão desejada.

Lorsque l'image d'un négatif est projetée sur le papier en chambre noire, Diamantino joue avec la lumière en masquant certaines zones pour les sous-exposer ou les sur-exposer afin d'obtenir le tirage souhaité.

Diamantino Quintas

SCULPTEUR DE LUMIÈRE

O domínio da fotografia não é apenas o dos fotógrafos! É também o dos artesãos que realizam discretamente as suas impressões, pois sem elas não há imagem. Ao escolher o artesanato artístico, Diamantino comprometeu-se desde muito cedo com o caminho da excelência: fiel às suas intuições e trabalhador sem relâaxar o menor gesto para servir os artistas. Homem-orquestra operando na sombra, misturando escuta atenta e criação para a tradução das intenções dos fotógrafos, o tirador-filtro é uma espécie de parteira das imagens.

Após décadas passadas nos grandes laboratórios parisienses, Diamantino decidiu fundar a sua própria empresa. Hoje é o fiel companheiro dos grandes fotógrafos do mundo. Mas também sabe apoiar jovens talentos, oferecendo a sua grande experiência e abertura de espírito para experimentar novos processos, integrando o mais contemporâneo cenário artístico.

expérimentations et servir la scène artistique la plus contemporaine.

Soucieux de transmettre son art, Diamantino agit comme un maître du moyen-âge dans son atelier-laboratoire :

il s'entoure d'apprentis et fait preuve d'une exigence légendaire. Tous ceux qui ont été formés par Diamantino sont aujourd'hui les meilleurs ambassadeurs d'un savoir-faire d'exception dans l'art du tirage.

Dans sa chambre noire, l'une des plus grandes en France, Diamantino fait danser ses mains sous la lumière des agrandisseurs. Il se dit « sculpteur de lumière », exerçant un pouvoir presque magique pour faire surgir les ombres et les lumières et donner ainsi vie aux images. Celui qui n'a pas renoncé à la photographie analogique à l'ère du numérique nous donne une leçon : le temps n'existe pas.

Michel Poivert
Historien de la photographie
Université Panthéon-Sorbonne

SOMMAIRE

03	“Filhos do Neiva” Encontros Fotográficos das Neves « Enfants de Neiva » Rencontres Photographiques de Neves		
06	Quem são os “Filhos do Neiva” ? Qui sont les « Enfants de Neiva » ? Domingos Jaques “Mingos de Ti' Anna da Guarda”, Carlos Novo “Lilo do Perna”, Jaime Pereira “Filho da Rosinha Fonelha” Diamantino Quintas “Tino de Ribeira”		
10	Diamantino Quintas, escultor de luz Texto de Michel Poivert Diamantino Quintas, sculpteur de lumière Par Michel Poivert		
13	“Não tenho ambições, apenas Sonhos” Texto de Diamantino Quintas « Je n’ai pas d’ambitions, j’ai juste des Rêves » Par Diamantino Quintas		
14	Agnès Varda	28	Denis Dailleux
16	Gilles Caron	29	Jeanne-Éléonore Féton
18	James Barnor	30	Thomas Gosset
	<i>Por ordem alfabética</i> <i>Par ordre alphabétique</i>	31	Marion Grébert
20	Diane Arques	32	Sara Imloul
21	Lucie Belarbi	33	Chloé Jafé
22	Richard Bellia	34	Estelle Lagarde
23	Karen Paulina Biswell	35	Diana Lui
24	Michella Bredahl	36	Juliana Maar
25	Luigi Clavareau	37	Marianne Marić
26	Évelyne Coutas	38	Yan Morvan
27	Silvy Crespo	39	Thomas Paquet
		40	Jean-Philippe Pernot
		41	Reflektor alias Jini Afonso
		42	Yulia Shibirkina
		43	Patrick Taberna
		44	Clémence Veilhan
		45	Sophie Zénon

“NÃO TENHO AMBIÇÕES, APENAS SONHOS”

Sonhos que nunca me abandonam, à meia-noite ou ao meio-dia, que me transportam de uma estrela para outra, da galáxia do coração para a da alma, no universo do Espírito.

Levar a fotografia à minha aldeia natal é um pensamento que me acompanha há muito tempo. O Sonho de partilhar com os seus habitantes as emoções que vivo todos os dias no exercício da minha profissão.

Os Sonhos só se realizam se houver um encontro, encontros!

E aquele com Josefina Fernanda e António Bouças, seguido do convite para apresentar o meu trabalho no Fórum Cultural das Neves, começou com uma alegria profunda e espontânea, que se transformou num projeto ao longo dos dias, culminando nesta exposição excepcional e inesperada.

O meu trabalho é feito de encontros. Encontros humanos, artísticos, com a Luz e o sal de prata, e finalmente o resultado desses encontros: a fotografia e a sua expressão no suporte escolhido.

Neves é uma aldeia singular, centro de três freguesias, que viveu ao ritmo dos seus feirantes, dos seus telheiros, dos seus artesãos e agricultores, das suas festas de Nossa Senhora das Neves e o Auto da Floripes, dos seus cafés e tavernas, dos seus bailes de domingo à tarde no centro recreativo e cultural das Neves. Hoje, é um lugar onde as tradições, a cultura e o desporto são promovidos por várias associações.

E se, um dia, a Fotografia também fizesse parte da sua riqueza e identidade?

Estou também feliz com a confiança e cumplicidade dos artistas que abraçaram com entusiasmo esta aventura, mostrando-me o orgulho que sentem em ver o seu trabalho exposto nesta aldeia de que tanto lhes falei, Neves!

A espontaneidade deste projeto e o pouco tempo de que dispúnhamos para o levar a cabo limitou-nos o que podíamos fazer, o que nos levou à frustração de não podermos apresentar mais obras e, sobretudo, mais artistas, que nos confiam os seus trabalhos.

E se não for apenas um adiamento?

Quero deixar um grande obrigado a todos os nossos artistas que nos ajudaram a exprimirmo-nos através do nosso trabalho.

E um “Abraço” muito especial ao Mister James Barnor, (representado pela galeria Clémentine de La Féronnière),

A expressão da minha gratidão a Rosalie Varda pela sua cumplicidade,

E a Emoção do Amor de Marianne Caron e da sua família. OBRIGADO

Diamantino Quintas

Mestre artesão ampliador analógico
Diamantino Labo Photo

« JE N’AI PAS D’AMBITIONS, J’AI JUSTE DES RÊVES »

Des Rêves qui ne me quittent jamais, à minuit ou à midi, ils me portent, d’une étoile à une autre, de la galaxie du cœur à celle de l’âme, dans l’univers de l’Esprit.

Emmener la photographie dans mon village natal est une pensée qui m’accompagne depuis longtemps.

Le Rêve de partager avec ses habitants les émotions que je vis au quotidien dans la pratique de mon métier.

Les Rêves ne peuvent se réaliser que s’il y a une rencontre, des rencontres !

Et celle avec Josefina Fernanda et Antonio Bouças, suivie de leur invitation à présenter mon métier au Forum culturel de Neves a commencé par une joie profonde et spontanée, se transformant au fil des jours en projet et se concrétisant par cette exposition exceptionnelle et inattendue.

Mon métier est fait exclusivement de rencontres.

Rencontres humaines, artistiques, avec la Lumière et le sel d’argent et enfin le résultat de ces rencontres : la photographie et son expression sur le support choisi.

Neves est un village singulier, appartenant à trois communes, ayant vécu au rythme de ses « feirantes » (commerçants ambulants), des ateliers de taille de pierre, de ses artisans et paysans, de ses fêtes de Notre-Dame de Neves et de ses bals du dimanche après-midi au centre récréatif et culturel de Neves, étant aujourd’hui un lieu où les traditions, la culture et le sport sont valorisés par plusieurs associations.

Et si un jour la photographie faisait aussi partie de sa richesse et de son identité ?

Je suis heureux aussi pour la confiance et la complicité des artistes ou leurs représentants, qui ont adhéré avec enthousiasme à cette aventure, me manifestant de la fierté de savoir leurs œuvres exposées dans ce village dont je leur ai tant parlé, Neves !

La spontanéité de ce projet et le temps court pour le réaliser, nous ont posé des limites créant la frustration de ne pas présenter plus d’œuvres et surtout plus d’artistes, toutes et tous qui nous confient leurs travaux.

Et si ce ne serait que partie remise ?

Je veux profondément remercier Toutes et Tous nos complices artistes qui nous permettent de nous exprimer à travers notre métier.

Et un « Abraço » très fort à Mister James Barnor (représenté par la galerie Clémentine de La Féronnière),

L’expression de ma gratitude à Rosalie Varda pour sa complicité,

Et l’Émotion de l’Amour de Marianne Caron et sa famille.

MERCI

Diamantino Quintas

Maître artisan tireur-filtreur
Diamantino Labo Photo



Página à esquerda : *Sofia Loren*, Póvoa de Varzim, Portugal, 1956, 31 x 45 cm, papel Baryté Warmtone Ilford.



Autoportrait Bellini, Musée Bellini, Venise, 1962, 36 x 25,5 cm, papel Baryté Warmtone Ilford.



Póvoa de Varzim Portugal, 1956, 44 x 30 cm, papel Baryté Warmtone Ilford.

Agnès Varda (1928-2019)

Agnès Varda é uma cineasta, fotógrafa e artista plástica franco-belga. Após obter o seu diploma de fotografia em 1949, trabalhou como fotógrafa para as Galerias Lafayette, o Festival de Avignon e o Théâtre National Populaire, onde realizou retratos de atores e cenas de teatro. Pioneira da Nouvelle Vague, produziu o seu primeiro filme *La Pointe Courte* em 1955. As suas obras, como *Cléo de 5 à 7* (1962) e *Sans toit ni loi* (1985), que recebeu o Leão de Ouro em Veneza, fundem documentário e ficção com um estilo poético único. Na fotografia, Agnès Varda explora temas como a memória e o quotidiano. O seu trabalho é celebrado pela sua sensibilidade humanista e inovação visual. É também reconhecida pelas suas instalações artísticas e documentários, como *Les Glaneurs et la Glaneuse* (2000).

Agnès Varda est une cinéaste, photographe et artiste plasticienne franco-belge. Après avoir obtenu son diplôme de photographie en 1949, elle travaille pour les Galeries Lafayette, le Festival d'Avignon et le Théâtre national populaire, capturant portraits d'acteurs et scènes théâtrales. Pionnière de la Nouvelle Vague, elle réalise son premier film *La Pointe Courte* en 1955. Ses œuvres, telles que *Cléo de 5 à 7* (1962) et *Sans toit ni loi* (1985) qui a reçu le Lion d'or à Venise, fusionnent documentaire et fiction avec un style poétique unique. En photographie, Agnès Varda explore des thèmes comme la mémoire et le quotidien. Son travail est célébré pour sa sensibilité humaniste et son innovation visuelle. Elle est également reconnue pour ses installations artistiques et ses documentaires comme *Les Glaneurs et la Glaneuse* (2000).



Romy Schneider
sur le plateau de
l'émission
Dim Dam Dom,
1969,
24,5 x 37 cm, papel
Baryté Warmtone
Foma 131.

Gilles Caron (1939-1970)

Após o serviço militar na Argélia, Gilles Caron juntou-se à agência Gamma em 1967 e destacou-se pelas suas reportagens impactantes cobrindo eventos importantes. As suas fotografias do Maio 68 em França, a guerra do Vietname, os conflitos no Biafra, a Guerra dos Seis Dias em Israel e os tumultos na Irlanda do Norte captam com intensidade a brutalidade das guerras e as lutas sociais, aliando sensibilidade e rigor jornalístico. Caron documentou também personalidades como Charles de Gaulle, Jean-Paul Sartre, Brigitte Bardot e Salvador Dalí. Em 1970, em missão no Camboja para cobrir a guerra civil, desapareceu misteriosamente aos 30 anos. Apesar da sua curta carreira, o seu trabalho marcou o fotojornalismo pelo seu compromisso e olhar humanista. As suas obras continuam a ser expostas e estudadas, testemunhando o seu impacto duradouro no mundo da fotografia.

Après son service militaire en Algérie, Gilles Caron rejoint l'agence Gamma en 1967 et se distingue par ses reportages percutants couvrant des événements majeurs. Ses photographies de Mai 68 en France, la guerre du Vietnam, les conflits au Biafra, la guerre des Six Jours en Israël, et les troubles en Irlande du Nord capturent avec intensité la brutalité des guerres et les luttes sociales, alliant sensibilité et rigueur journalistique. Il a également documenté des personnalités comme Charles de Gaulle, Jean-Paul Sartre, Brigitte Bardot et Salvador Dalí. En 1970, en mission au Cambodge pour couvrir la guerre civile, il disparaît mystérieusement à l'âge de 30 ans. Malgré sa courte carrière, son travail a marqué le photojournalisme par son engagement et son regard humaniste. Ses œuvres continuent d'être exposées et étudiées, témoignant de son impact durable sur le monde de la photographie.



Voyage du général de Gaulle en Turquie, 1968,
24,5 x 37 cm, papel Baryté Warmtone Foma 131.



Soldats américains, Guerre du Vietnam, 1967,
24,5 x 37 cm, papel Baryté Warmtone Foma 131.



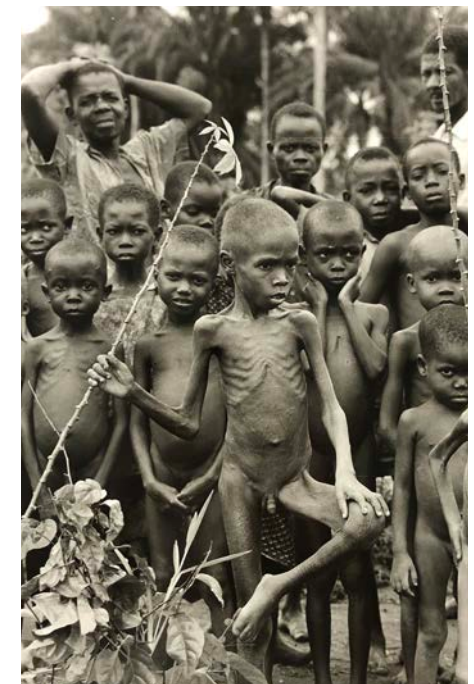
Lanceur de pavé, rue Saint-Jacques, Paris, 1968,
24,5 x 37 cm, papel Baryté Warmtone Foma 131.



Combattant Ibo. Guerre civile du Biafra, Nigéria, 1968,
24,5 x 37 cm, papel Baryté Warmtone Foma 131.



Bataille du Bogside, Derry, Irlande du Nord, 1969,
24,5 x 37 cm, papel Baryté Warmtone Foma 131.



La famine, sécession de la Province du Biafra, Nigéria, 1968,
24,5 x 37 cm, papel Baryté Warmtone Foma 131.



Muhammad Ali preparing for his fight against Brian London in a London gym, August 1966, 36,5 x 37 cm, papel Baryté Warmtone.



Self-portrait with a store assistant at the West African Drug Company, central Accra, c. 1952, 23 x 23 cm, papel Baryté Warmtone.

James Barnor (1929)

Nascido no Gana, James Barnor abriu o seu famoso estúdio Ever Young em Acra, onde imortalizou uma nação no momento da sua independência. Em 1959, dois anos após a independência do Gana, partiu para Londres, onde descobriu a fotografia a cores no Medway College of Art. As suas fotos foram então publicadas na primeira página da Drum, uma revista fundada na África do Sul em 1951 e símbolo do movimento anti-apartheid. No final dos anos 1960, voltou ao Gana para estabelecer o primeiro laboratório de fotografia a cores do país. Ali permaneceu durante 20 anos, trabalhando como fotógrafo independente e para agências estatais em Acra. Em maio de 2024, por ocasião dos seus 95 anos, o festival "James Barnor 95" abriu as portas em Acra e Tamale, celebrando o legado fotográfico de Barnor e o panorama cultural ganês. Hoje, existe um "Prémio James Barnor" dedicado aos fotógrafos africanos.

"Sou um perfeccionista quando se trata de trabalho de câmara escura, é por isso que confio em Diamantino para todas as minhas impressões de exposição" – James Barnor.

Né au Ghana, James Barnor ouvre son célèbre studio Ever Young à Accra, où il immortalise une nation au moment de son indépendance. En 1959, deux ans après l'indépendance du Ghana, il part pour Londres où il découvre la photographie couleur au Medway College of Art. Ses photos sont alors publiées en première page de Drum, un magazine fondé en Afrique du Sud en 1951

et symbole du mouvement anti-apartheid. À la fin des années 1960, il retourne au Ghana pour mettre en place le premier laboratoire couleur du pays. Il y reste pendant 20 ans, travaillant en tant que photographe indépendant et pour des agences d'État à Accra. En mai 2024, à l'occasion de ses 95 ans, le festival James Barnor 95 a ouvert ses portes à Accra et Tamale, célébrant l'héritage photographique de Barnor et la scène culturelle ghanéenne. Il existe aujourd'hui un « Prix James Barnor », dédié aux photographes Africains.

« I am a perfectionist when it comes to Darkroom work, that is why I rely on Diamantino for All my Exhibition Prints » – James Barnor.



Kwame Nkrumah greeting the Duchess of Kent during the independence celebrations, Accra Stadium, March 1957, 40 x 40,5 cm, papel Baryté Warmtone.



Printmaking in the darkroom, Studio X23, c. 1983, 23 x 23 cm, papel Baryté Warmtone.



Cantigas #1, 2024,
27 x 27 cm, papel Fuji Satiné.

Diane Arques (1967)

Diane Arques é uma artista franco-espanhola. Realiza projetos artísticos utilizando fotografia, vídeo, som, escultura e performance. A sua obra alimenta-se de elementos autobiográficos, de questões sobre a sociedade contemporânea e do mundo vivo e de pesquisas formais com referências emprestadas das artes visuais e performativas, do cinema e da arte sonora. Participou em vários festivais e seleções internacionais - Centre Pompidou (Museum Live), Black Box de DDessin, Descubrimiento PHotoESPAÑA. Tem formação em teatro e estudou na Escola Nacional Superior de Artes Decorativas de Paris, obtendo o mestrado em Fotografia e Arte Contemporânea na Universidade de Paris 8.

Diane Arques est une artiste franco-espagnole. Elle réalise des projets artistiques en utilisant aussi bien la photographie que la vidéo, le son, la sculpture et la performance. Son travail se nourrit d'éléments autobiographiques, de questionnements sur la société contemporaine et au vivant et de recherches formelles avec des références empruntées tant aux arts plastiques qu'aux arts vivants, au cinéma et à l'art sonore. Elle a participé à divers festivals et sélections internationales, Centre Pompidou (Museum Live), Black Box de

DDessin, Descubrimiento PHotoESPAÑA. Elle a une formation en art dramatique et a étudié à l'École nationale supérieure des arts décoratifs de Paris et a obtenu un master en Photographie et Art Contemporain à l'Université Paris 8.



Cantigas #2, 2024,
27 x 27 cm, papel Fuji Satiné.

Photos : Diane Arques / ADAGP, Paris, 2024



Deux mouvements avant la chute, 2022,
39 x 49 cm, papel Foma 133.

Lucie Belarbi (1984)

Lucie Belarbi é uma fotógrafa plástica francesa que trabalha em Paris. Em 2010, inicia uma abordagem autoral e torna-se conhecida no mundo da fotografia com o duo Chassary & Belarbi. Fotógrafa e videógrafa, os seus trabalhos inserem-se num corpus a longo prazo que tem como tema o corpo das mulheres. Belarbi combina a pesquisa documental com a prática de fotografia encenada. O objetivo do seu trabalho é político, eminentemente feminino, e manifesta-se na dialética das imagens e na educação do olhar. Recebe regularmente encomendas para as indústrias de luxo e do cinema. As suas fotografias estão expostas em França e noutros países, fazendo parte de coleções privadas desde 2010. Os seus arquivos são representados pela Voz-Images.



Lucie Belarbi est une photographe plasticienne française travaillant à Paris. En 2010, elle s'engage dans une démarche d'auteur, et se fait connaître du monde de la photographie avec le duo Chassary & Belarbi. Photographe et vidéaste, ses travaux s'inscrivent dans un corpus à long terme qui a pour sujet le corps des femmes. Elle allie une recherche documentaire à une pratique de la photographie mise en scène. L'enjeu de son travail est politique, éminemment féminin, et prend forme dans la dialectique des images et l'éducation du regard. Elle répond régulièrement à des commandes pour les industries du luxe et du cinéma. Ses photographies sont exposées en France et à l'étranger, et font partie de collections privées depuis 2010. Ses archives sont représentées par Voz-Images.

Richard Bellia (1962)

Fotógrafo especializado em músicos, Richard Bellia fez suas primeiras imagens durante um concerto do grupo The Cure, em 1980. Em meados da década de 1980, profissionalizou a sua abordagem e mudou-se para Londres, onde o ambiente do rock era intenso, e lá trabalha para diversos Jornais ingleses como *Melody Maker*, *New Musical Express*, bem como para publicações francesas, como o diário *Libération*, *Les Inrockuptibles* ou *Rocksound*. Na década de 1990, viveu um pouco por toda a Europa, nomeadamente em Munique, Praga e Suíça. Em 2016, auto-publicou *Un Œil sur la musique 1980-2016*, uma coleção de textos e fotos sobre música. Bellia fotografou muitos artistas icônicos: The Cure, David Bowie, Nirvana, Radiohead, Paul McCartney, AC/DC, etc. Expõe as suas fotos na Europa, Japão e Estados Unidos. Abriu a sua galeria de fotos exclusivamente cinematográficas em Annonay, Ardèche, em 2022.

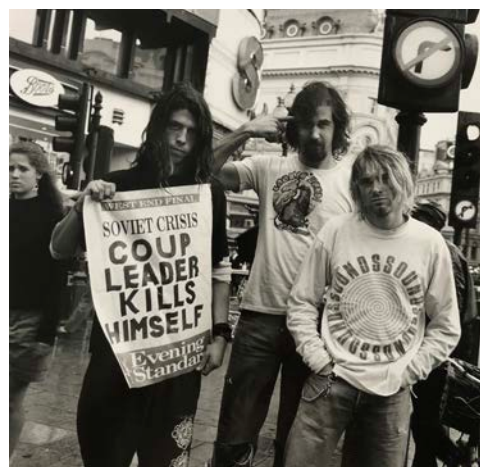
Photographe spécialisé dans les musiciens, Richard Bellia fait ses premières images durant un concert du groupe The Cure en 1980. Au milieu des années 1980, il professionnalise sa démarche et part s'installer à Londres où la scène rock est la plus intense, et y travaille pour plusieurs journaux anglais comme *Melody Maker*, *New Musical Express* ainsi que pour des publications françaises comme le quotidien *Libération*, *Les Inrockuptibles* ou *Rocksound*. Dans les années 1990, il vit un peu partout en Europe, notamment à Munich, à Prague et en Suisse. En 2016, il auto-édite *Un Œil sur la musique 1980-2016*, recueil de textes et de photos autour de la musique. Il a photographié de très nombreux artistes iconiques : The Cure, David Bowie, Nirvana, Radiohead, Paul McCartney, AC/DC, etc. Il expose ses photos en Europe, au Japon et aux États-Unis. Il a ouvert sa galerie photo, exclusivement argentine à Annonay en Ardèche en 2022.



David Bowie, Prague, 1996,
29 x 29 cm, papel Baryté Bergger.



James Brown, Londres, 1988,
37 x 26 cm, papel Baryté Bergger.



Nirvana, Londres, 1991,
29 x 29 cm, papel Baryté Bergger.

Karen Paulina Biswell (1983)

Nascida em Oranjestad, Aruba, filha de pais colombianos, Karen Paulina Biswell emigra com a sua família para a França nos anos 1990, fugindo da extrema violência política do seu país. As suas experiências entre o mundo ocidental europeu e uma atração pela retórica romântica da realidade dos povos indígenas permitem-lhe construir um universo visual que revela a tensão entre o histórico e o contemporâneo. Captando os aspectos inexplorados do quotidiano, elementos marginais e provocantes da sociedade, o trabalho de Karen Paulina Biswell explora a vulnerabilidade, a moralidade, o destino humano e a noção de feminilidade. O seu trabalho faz parte das coleções públicas e institucionais do Museu do Quai Branly, das coleções dos Museus do Banco de la República, Colômbia, PAMM Pérez Art Museum Miami, da coleção dos Rencontres d'Arles e do Museu de Arte Moderna de Medellín.



Umáda (sun), 2014,
50 x 60 cm, papel Kodak Endura N.



Wera (moon), 2014,
50 x 60 cm, papel Kodak Endura N.

Née à Oranjestad Aruba, de parents colombiens, Karen Paulina Biswell émigre avec sa famille en France dans les années 1990, fuyant l'extrême violence politique de son pays. Ses expériences entre le monde occidental européen et une attirance pour la rhétorique romantique de la réalité des peuples autochtones, lui permet de construire un univers visuel relevant la tension entre l'historique et le contemporain. Saisissant les aspects inexplorés du quotidien, éléments marginaux et provocants de la société, le travail de Karen Paulina Biswell explore la vulnérabilité, la moralité, la destinée humaine et la notion de féminité. Son travail fait partie des collections publiques et institutionnelles du Musée du Quai Branly, des collections des Musées du Banco de la República, Colombie, PAMM Pérez Art Museum Miami, de la collection des Rencontres d'Arles et du Musée d'art moderne de Medellín.



Siggy in a bedroom, 2023,
50 x 40 cm, papel Kodak Endura N.

Michella Bredahl (1988)

Michella Bredahl é uma fotógrafa e realizadora nascida na Dinamarca e que atualmente trabalha em Paris, cuja fotografia e filmes estão enraizados num estilo de “documentário de autor”. A conexão íntima de Bredahl com os seus temas e as suas histórias permite-lhe captar elementos de força e vulnerabilidade, criando narrativas cinematográficas de emancipação, amor e beleza através da



Nini with her daughter, Tokyo in New York, 2023,
50 x 40 cm, papel Kodak Endura N.

sua lente. Michella Bredahl é diplomada pela International Danish Film School, com o seu filme de graduação *Chassé* selecionado para o Festival Internacional de Cinema de Roterdão. Recebeu bolsas da Fundação New Carlsberg e do Statens Kunstfond da Dinamarca, e a sua monografia com Loose Joints será a sua primeira publicação.

Michella Bredahl est une photographe et réalisatrice née au Danemark et travaillant aujourd’hui à Paris, dont la photographie et les films sont ancrés dans un style « documentaire d’auteur ». La connexion intime de Bredahl avec ses sujets et leurs histoires lui permet de capturer des éléments de force et de vulnérabilité, créant des récits cinématographiques d’émancipation, d’amour et de beauté à travers son objectif. Michella Bredahl est diplômée de l’International Danish Film School, avec son film de fin d’études *Chassé* sélectionné pour le Festival International du Film de Rotterdam. Elle a reçu des bourses de la Fondation New Carlsberg et de Statens Kunstfond du Danemark, et sa monographie avec Loose Joints sera sa première publication.

Luigi Clavareau AKA. Kurama 暗間 (1966)

Nascido em meados dos anos 1960, Luigi Clavareau vive entre a Europa e a Ásia, e tem diplomas em serigrafia e geologia. A sua prática fotográfica é dedicada não só aos tabus sociais e à liberdade sexual das mulheres, mas também à beleza visual, representando estes temas com erotismo e oferecendo uma imersão clara no seu universo poderoso. O autor utiliza a fotografia analógica e a serigrafia como métodos de impressão. As suas exposições mais recentes incluem: PhotoDoc Paris (2023), Zushi Gallery Zushi Japão, Incadaques Photo Festival Espanha (2022), in)(between gallery Paris (2019, 2018, 2017), NYC Zurcher Gallery (2016). O seu trabalho foi publicado em seis livros de fotografia: *Elephant-Zosan* (2016), *Turtle-Kamesan* (2018), *Forbidden Tones* (2019), *Koumori, ErotiCANA, CASCATA* (2023).



Fleur Éternelle, 2020,
24 x 36 cm, papel Baryté Warmtone Bergger.

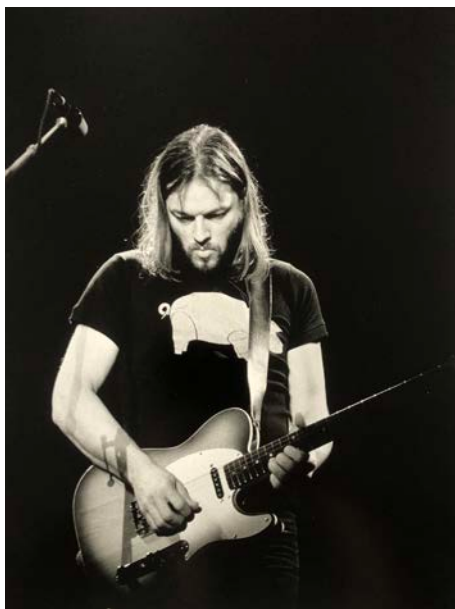


Le regard de Sakura, 2017,
24 x 36 cm, papel Baryté Warmtone Bergger.

Né au milieu des années 60, Luigi Clavareau vit entre l’Europe et l’Asie, a des diplômes en sérigraphie et en géologie. Sa pratique photographique est non seulement dédiée aux tabous sociaux et à la liberté sexuelle des femmes, mais aussi à la beauté visuelle ; des sujets qu’il représente avec de l’érotisme offrant une plongée claire dans son univers puissant. Il utilise la photographie argentique et la sérigraphie comme méthodes d’impression. Ses expositions les plus récentes sont : PhotoDoc Paris (2023), Zushi gallery Zushi Japan, Incadaques Photo Festival Espagne (2022), in)(between galerie Paris (2019, 2018, 2017, NYC Zurcher Gallery (2016). Son travail a été publié dans six livres photo : *Elephant-Zosan* (2016), *Turtle-Kamesan* (2018), *Forbidden Tones* (2019), *Koumori, ErotiCANA, CASCATA* (2023).



David Bowie, Pavillon de Paris, 1976,
37 x 49 cm, papel Baryté Warmtone Bergger.

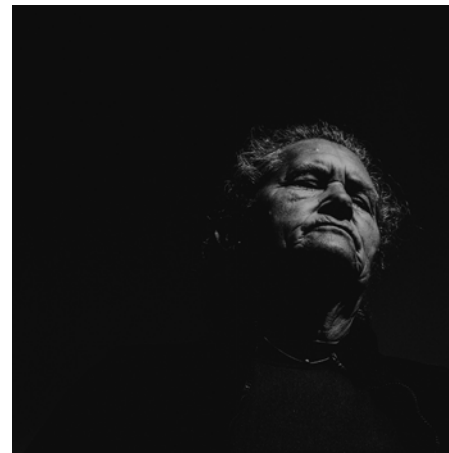


Pink Floyd, David Gilmour, Pavillon de Paris, 1977,
37 x 49 cm, papel Baryté Warmtone Bergger.

Evelyne Coutas (1958)

Evelyne Coutas é diplomada pela Escola de Belas-Artes de Paris na área da escultura. A partir de 1983, introduz a fotografia na sua prática artística e experimenta com as qualidades plásticas do meio, nomeadamente através do fotograma, preservando ao mesmo tempo uma relação com o real. Os seus primeiros fotogramas da série “A câmara escura”, realizados à luz da lua cheia no seu quarto, abriram caminho para uma exploração incessante do meio. Seja pela experimentação da luz pura, do corpo ou da paisagem, o uso e a combinação atípica de técnicas e derivados plásticos pessoais, as imagens de Evelyne Coutas problematizam, de uma forma poética, a relação subtil que se pode estabelecer entre forma e substância através da fotografia.

Evelyne Coutas est diplômée de l'école des Beaux-Arts de Paris en section sculpture. À partir de 1983, elle introduit la photographie dans sa pratique artistique, et expérimente avec les qualités plastiques du médium au moyen notamment du photogramme, tout en préservant un rapport au réel. Ses premiers photogrammes de la série *La chambre obscure* réalisés à la lumière de la pleine lune dans sa chambre à coucher, ouvrent la voie à une exploitation du médium sans cesse renouvelée. Que ce soit par l'expérimentation de la lumière pure, du corps ou du paysage, l'usage et la combinaison atypiques de dérivés techniques et plastiques personnels, les images d'Evelyne Coutas problématisent dans un ordre poétique, la relation subtile susceptible de s'établir entre forme et substance par la photographie.



Série *The Land of Elephants*, 2020,
38 x 38 cm, papel Baryté Foma 132.

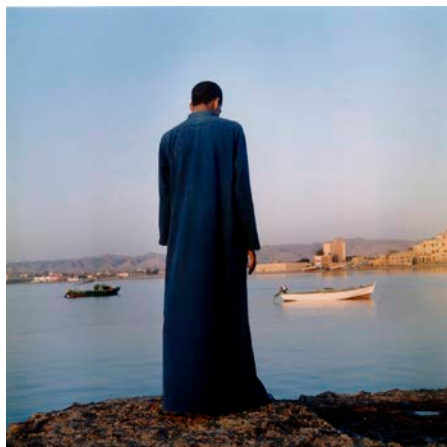
Silvy Crespo est une photographe documentaire franco-portugaise qui vit et travaille entre la France et le Portugal. Elle a d'abord exercé le métier d'avocat avant d'intégrer, en 2016, l'Académie royale des beaux-arts de La Haye afin d'y étudier la photographie. Privilégiant des projets au long cours, sa pratique photographique se concentre sur des problématiques afférentes à l'extraction et à l'exploitation des ressources, humaines et naturelles, dans un contexte de colonisation territoriale et économique. Son travail a été exposé dans plusieurs festivals internationaux (Encontros da Imagem, Imago Lisboa, iNstantes), ainsi qu'à la Biennale Für Aktuelle Fotografie 2022. Il a également été exposé au MIMO - Musée de l'image en mouvement de Leiria et au Centre d'études de la photographie (CEFT) de Tomar.



Série *The Land of Elephants*, 2020,
38 x 38 cm, papel Baryté Foma 132.

Silvy Crespo (1981)

Silvy Crespo é uma fotógrafa documental franco-portuguesa que vive e trabalha entre França e Portugal. Começou a sua carreira como advogada antes de ingressar, em 2016, na Academia Real de Belas-Artes de Haia para estudar fotografia. Privilegiando projetos de longa duração, a sua prática fotográfica concentra-se em questões relacionadas com a extração e exploração de recursos humanos e naturais, no contexto da colonização territorial e económica. O seu trabalho foi exposto em vários festivais internacionais (Encontros da Imagem, Imago Lisboa, iNstantes), bem como na Biennale Für Aktuelle Fotografie 2022. Também foi exposto no MIMO – Museu da Imagem em Movimento de Leiria e no Centro de Estudos de Fotografia (CEFT) de Tomar.



Homme regardant la mer à El Qoseir (mer Rouge), 2003, 37,5 x 37,5 cm, papel Kodak Endura N.



Le jeune homme copte du village près d'Al-Minya, 2010, 37,5 x 37,5 cm, papel Kodak Endura N.



Série Ghana, 2009, 37,5 x 37,5 cm, papel Kodak Endura N.

Denis Dailleux (1958)

Denis Dailleux é um fotógrafo francês reconhecido pelos seus retratos sensíveis e poéticos. Começou a sua carreira fotografando pessoas idosas da sua aldeia natal antes de se estabelecer no Egito, onde capta com ternura a vida quotidiana do Cairo. O seu trabalho distingue-se pela atenção minuciosa aos detalhes e à humanidade dos seus temas. Denis Dailleux publicou vários livros, incluindo *Le Caire e Mères et Fils*, e ganhou numerosos prémios prestigiados, como o World Press Photo. As suas fotografias foram expostas internacionalmente, consolidando o seu estatuto como figura de destaque na fotografia contemporânea. É representado pela Agência VU. A sua obra é uma celebração da vida e das relações humanas, oferecendo um olhar profundo e respeitoso sobre os seus temas.

Denis Dailleux est un photographe français reconnu pour ses portraits sensibles et poétiques. Il commence sa carrière en photographiant les vieilles personnes de son village natal avant de s'installer en Égypte, où il capture avec tendresse la vie quotidienne du Caire. Son travail se distingue par une attention minutieuse aux détails et à l'humanité de ses sujets. Denis Dailleux a publié plusieurs ouvrages, dont *Le Caire et Mères et Fils*, et a remporté de nombreux prix prestigieux, comme le World Press Photo. Ses photographies ont été exposées à l'international, consolidant son statut de figure majeure de la photographie contemporaine. Il est représenté par l'Agence VU. Son œuvre est une célébration de la vie et des relations humaines, offrant un regard profond et respectueux sur ses sujets.



Espelho secreto, 2018, 21 x 17 cm, papel Baryté Foma 532 II.



Cabaret noir, 2019, 27 x 27 cm, papel Foma 133.

Jeanne-Éléonore Féton (1986)

Para Jeanne-Éléonore Féton, a fotografia faz parte de um *continuum* pictórico através do qual gosta de passear e que alimenta o seu museu imaginário, barroco e recomposto. Caravaggio e Pasolini, Goya e Visconti, Bill Viola e El Greco.... Tantos choques visuais que, na sua diferença e na sua pluralidade, lhe permitiram encontrar a sua singularidade fotográfica. Os caminhos que percorre, e por onde se aventura, permitem-lhe procurar o lado oculto da alma humana, encontrar seres fantasiosos e frágeis, em trânsito, em metamorfose, viajando como passageiros clandestinos dentro da sua própria existência. Jeanne-Éléonore sempre viveu a fotografia como uma experiência física e metafísica onde o material encontra o espiritual, onde o profano pode ascender ao sagrado. A sua ambição é “a união voluptuosa de Kairós e Satori nas minhas “pinturas” fotográficas.”

Pour Jeanne-Éléonore Féton, la photographie s'inscrit dans un continuum pictural à l'intérieur duquel elle aime déambuler et qui nourrit son musée imaginaire, baroque et recomposé. Le Caravage et Pasolini, Goya et Visconti, Bill Viola et Le Greco... Autant de chocs visuels qui, dans leur différence et leur pluralité, lui ont permis de trouver sa singularité photographique. Les chemins de traverse sur lesquels elle s'aventure lui permettent de chercher la face cachée de l'âme humaine, de rencontrer des êtres fantasques et fragiles, en transit, en métamorphose, voyageant tels des passagers clandestins au sein de leur propre existence. Jeanne-Éléonore a toujours vécu la photographie comme une expérience physique et métaphysique où la matière rencontre le spirituel, où le profane peut se hisser jusqu'au sacré. Son ambition est « *l'union voluptueuse du Kairós et du Satori au sein de mes "tableaux" photographiques.* »



Les Dessous, 2018, 28 x 36 cm, papel Foma 131.



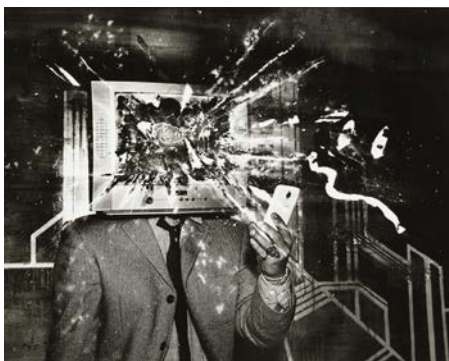
Série *Primitive Acids, Le trader*, 2015,
38 x 38,5 cm, papel Baryté Ilford Warmtone.

Thomas Gosset (1982)

Thomas Gosset Valère é um artista autodidata, inicialmente inspirado por “Les Récréations Photographiques” do final do século XIX e pelas vanguardas do século XX. Reinterpreta-as um século depois para propor uma fotografia contemporânea surrealista e figurativa. Insubordinado ao seu próprio meio, concentra as suas pesquisas experimentais no sentido profundo da imagem e na sua gênese em câmara escura. Assim, é no coração da matéria fotosensível que ele encontra uma estética singular, desviando o processo analógico das suas aplicações clássicas. Isso permite-lhe uma liberdade adicional de expressão e uma maior liberdade de interpretação. Os seus personagens carregam as cicatrizes irreversíveis que inflige aos seus negativos através de múltiplas manipulações próximas da pintura e da gravura.

Thomas Gosset Valère est un artiste autodidacte, initialement inspiré par *Les Récréations Photographiques* de la fin du XIX^e siècle et les avant-gardes du XX^e siècle, il les réinterprète un siècle plus tard pour proposer une photographie contemporaine surréaliste et figurative. Insubordonné à son propre médium, il concentre ses recherches expérimentales sur le sens profond de l’image et sur sa genèse en chambre noire. Ainsi, c’est au cœur même de la matière

photosensible qu’il puise une esthétique singulière en détournant le processus argentique de ses applications classiques. Ce qui lui autorise une liberté supplémentaire d’expressions et une plus grande liberté d’interprétation. Ses personnages portent les cicatrices irréversibles qu’il inflige à ses négatifs par de multiples manipulations proche de la peinture et de la gravure.



Série *Primitive Acids, Bad Destiny*, 2016,
52 x 41 cm, papel Baryté Ilford Warmtone.



Série *Primitive Acids, La pollution*, 2017,
34 x 35 cm, papel Baryté Ilford Warmtone.

Marion Grébert

Marion Grébert é escritora. A sua obra escrita é acompanhada por práticas artísticas e artesanais, como a fotografia e a joalheria. Durante a sua formação, procurou sempre manter a relação entre o espírito e a mão. Na elaboração da sua tese de História da Arte, foi aluna da Escola de Belas Artes de Paris, no ateliê do fotógrafo Patrick Faigenbaum. O seu primeiro ensaio, *Traverser l’invisible. Énigmes figuratives de Francesca Woodman et Vivian Maier* (2022), foca-se, em grande parte, no auto-retrato feminino na história da fotografia desde o século XIX. A sua série de fotografias *Quatre mains au feu* (2023), realizada com a poeta e fotógrafa Pauline Von Aesch, explora, à sua maneira, o principal tema deste livro: como a figura e o corpo aparecem enquanto se escondem.

Marion Grébert est écrivaine. Son ouvrage d’écriture s’accompagne de pratiques artistiques et artisanales, celles de la photographie et de la bijouterie. Au cours de sa formation, elle n’a eu de cesse de vouloir entretenir la relation de l’esprit et de la main. Pendant la réalisation de sa thèse d’histoire de l’art, elle était ainsi élève de l’École des Beaux-Arts de Paris, dans l’atelier du photographe Patrick Faigenbaum. Son premier essai, *Traverser l’invisible. Énigmes figuratives de Francesca Woodman et Vivian Maier* (2022), porte en grande part sur l’autoportrait féminin dans l’histoire de la photographie depuis le XIX^e siècle. Sa série de photographies *Quatre mains au feu* (2023), réalisée avec la poète et photographe Pauline Von Aesch, rejoue à sa manière l’enjeu principal de ce livre : comment la figure et le corps apparaissent tout en se dérobant.



Série *Quatre mains au feu*, 2023,
17 x 25 cm, papel Baryté Foma 133.



Série *Quatre mains au feu*, 2023,
17 x 25 cm, papel Baryté Foma 133.



Série *Passages, de l'ombre aux images, La jambe de bois*, 2016, 41 x 53 cm, papel Ilford Warmtone 24K.

Sara Imloul (1986)

Sara Imloul é uma fotógrafa francesa. Desde 2008, desenvolve uma fotografia autobiográfica, focando-se em fixar nas sombras dos seus pretos e brancos visões interiores nascidas da memória. Contrária à manipulação digital, e voltando às origens do meio, as imagens em preto e branco de Imloul são concebidas como verdadeiros quadros teatrais que parecem ter saído diretamente do século XIX. Imloul escolheu a lentidão, o Arte Povera da fotografia. Desde os seus estudos na ETPA de Toulouse, França, Sara Imloul utiliza o calótipo, um processo desenvolvido por Henri Fox Talbot em 1840 que permite, a partir de um negativo em papel, obter uma impressão por contacto. Cada negativo é retrabalhado à mão. Imloul mistura desenho e colagem nas suas impressões fotográficas, compondo manualmente a sua narrativa singular.



Série *Passages, de l'ombre aux images, La chaise musicale*, 2017, 41 x 53 cm, papel Ilford Warmtone 24K.

Sara Imloul est une photographe plasticienne française. Depuis 2008, elle déploie une photographie autobiographique en s'attachant à fixer dans l'obscurité de ses noirs et blancs des visions intérieures nées du souvenir. À rebours de la manipulation digitale, renouant bien plutôt avec les origines du médium, les images en noir et blanc sont alors pensées comme de véritables tableaux théâtraux qui semblent tout droit sortis du XIX^e siècle. Elle a choisi la lenteur, l'Arte Povera de la photographie. Depuis ses études à l'ETPA de Toulouse France, elle utilise le calotype, procédé mis au point par Henri Fox Talbot en 1840 qui permet, à partir d'un négatif papier, d'obtenir un tirage par contact. Chaque négatif est retravaillé à la main. Elle mêle dessin et collage à ses tirages photographiques, et compose à la main sa narration singulière.

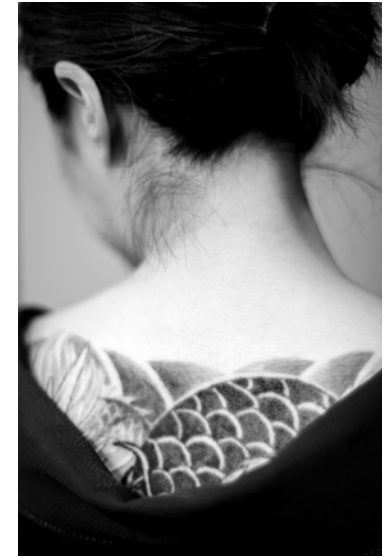


Série *I give you my life*, 2013-2019, 54 x 40 cm, papel Baryté Warmtone Bergger.

Chloé Jafé (1984)

Chloé Jafé é uma artista e fotógrafa formada em Lyon e Londres. Após os seus estudos, trabalhou no escritório da Magnum Photos em Londres antes de se mudar para Tóquio. Essas experiências permitiram-lhe desenvolver, ao longo dos anos, uma escrita pessoal, tanto plástica como documental. Dos seus sete anos de permanência no Japão (2013-2019), Chloé Jafé trouxe imagens a preto e branco, de aço, húmidas e rudes, ternas e ferozes, que revelam uma visão inédita de um país opaco. A sua trilogia, composta pelos capítulos "I give you my life", "Okinawa mon Amour" e "How I met Jiro", destaca aspectos desconhecidos e subversivos de um arquipélago onde a modéstia é a norma. Aclamada pela crítica, o seu trabalho sobre as mulheres dos Yakuza foi premiado com a Bolsa de Talento em 2017 e exibido na Biblioteca nacional de França.

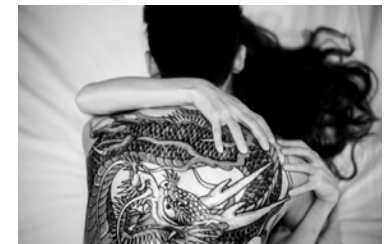
Chloé Jafé est une artiste et photographe formée à Lyon et à Londres. Après ses études, elle a travaillé au bureau de Magnum Photos à Londres avant d'emménager à Tokyo. Ces expériences lui ont permis de développer au fil des années une écriture personnelle à la fois plasticienne et documentaire. De ses 7 ans d'immersion au Japon (2013-2019), Chloé Jafé a rapporté des images au noir et blanc d'acier, moites et rudes, tendres et féroces, qui révèlent une vision inédite d'un pays opaque. Sa trilogie, composée des chapitres « I give you my life », « Okinawa mon Amour » et « How I met Jiro », met en lumière les pans méconnus et subversifs d'un archipel où la pudeur est de rigueur. Salué par la critique, son reportage sur les femmes de Yakuza a été récompensé par la Bourse du Talent en 2017 et exposé à la Bibliothèque nationale de France.



Série *I give you my life*, 2013-2019, 40 x 54 cm, papel Baryté Warmtone Bergger.



Série *How I met Jiro*, 2013-2019, 40 x 54 cm, papel Baryté Warmtone Bergger.



Série *I give you my life*, 2013-2019, 54 x 40 cm, papel Baryté Warmtone Bergger.



Le Fort, 2022,
26 x 39 cm, papel Foma 133.



Eole, 2020,
90 x 60 cm, papel Foma 133.

Estelle Lagarde (1973)

Estelle Lagarde é licenciada pela Escola nacional de fotografia de Arles e pela Escola nacional de arquitetura de Paris La Villette. A sua abordagem explora a fragilidade humana e a transitoriedade da vida através de fotografias sempre ligadas a espaços que transportam histórias de vida: espaços construídos, naturais, corporais ou psicológicos. É o encontro com um lugar ou com uma pessoa que desencadeia uma construção visual, mas também a oportunidade para uma ficção, uma narração. A par das suas colaborações com espaços institucionais, o seu trabalho fotográfico é apresentado em galerias em França e no estrangeiro (Bélgica, Alemanha, Japão, Chile), e as suas fotografias estão incluídas em colecções privadas e públicas. Estelle Lagarde é representada pela agência révélateur.

Estelle Lagarde est diplômée de l'École nationale supérieure de la photographie d'Arles, et de l'École nationale supérieure d'architecture de Paris La Villette. Sa démarche explore la fragilité humaine et la fugacité de la vie à travers des photographies toujours en lien avec des espaces porteurs d'histoires de vie : espaces construits, naturels, corporels ou psychiques. C'est la rencontre avec un lieu ou une personne qui est pour elle le facteur déclenchant d'une construction visuelle, mais aussi l'occasion d'une fiction, d'une narration. Parallèlement à ses collaborations avec des lieux institutionnels, son travail photographique est présenté dans des galeries en France comme à l'étranger (Belgique, Allemagne, Japon, Chili), et ses photographies intègrent des collections privées ou publiques. Estelle Lagarde est représentée par l'agence révélateur.



Trésor, 2020,
33 x 26 cm, papel Foma 133.



Le Phare, 2022,
39 x 26 cm, papel Foma 133.

Diana Lui (1968)

Diana Lui é fotógrafa e artista plástica. Malaia, de origem chinesa e punjabi, estudante em Los Angeles, e depois residente na Bélgica e na França, a sua vida em trânsito criou nela um profundo sentimento de desenraizamento. Desde há 30 anos, o seu trabalho questiona a identidade e as nossas origens. Um dos seus projetos principais explora a identidade das mulheres contemporâneas através do traje tradicional no Norte de África, no Sudeste Asiático e no Mediterrâneo. As suas pesquisas mais inovadoras interrogam a nossa identidade planetária através da exploração do Homem em Marte. Expôs as suas fotografias e criações artísticas na América, Ásia, Europa e Marrocos. As suas obras fazem parte das colecções de instituições prestigiadas e privadas, como o Institut du monde arabe, a Bibliothèque nationale de France, o Guangdong Museum of Art, o Shanghai Art Museum, entre outros.

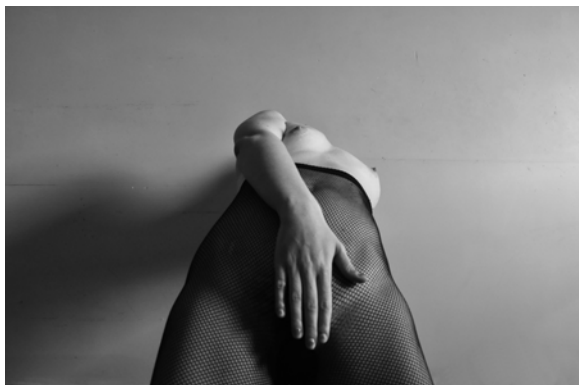
Diana Lui est photographe et artiste plasticienne. Malaisienne, d'origine chinoise et pendjabi, étudiante à Los Angeles, puis résidente en Belgique et en France, sa vie en transit a engendré chez elle un profond sentiment de déracinement. Depuis 30 ans, son travail questionne l'identité et nos origines. L'un de ses projets phares explore l'identité des femmes contemporaines à travers le costume traditionnel en Afrique du Nord, en Asie du Sud-Est et en Méditerranée. Ses recherches les plus innovantes interrogent notre identité planétaire à travers l'exploration de l'homme sur Mars. Elle a exposé ses photographies et ses créations artistiques en Amérique, en Asie, en Europe et au Maroc. Ses œuvres font partie des collections d'institutions prestigieuses et privées telles que l'Institut du monde arabe, Bibliothèque nationale de France, Guangdong Museum of Art, Shanghai Art Museum, etc.



Veil 7, 2009,
37,5 x 48 cm, papel Baryté Ilford Warmtone.



Veil 5, 2009,
37,5 x 48 cm, papel Baryté Ilford Warmtone.



Série *Fishnet*, 2016
90 x 60 cm, papel Baryté Ilford Warmtone.

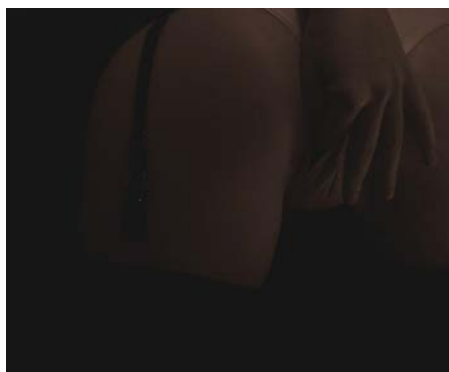
Juliana Maar (1981)

Juliana Maar inicia-se na fotografia em 2013. Teve a sua primeira exposição em 2014 na Pickpocket Gallery em Lisboa. Em 2016 participa na exposição coletiva *Émotions Photographiques* na galeria in)(between em Paris. Também em 2016 colabora com a editora Do Lado Esquerdo no livro *Há dias II*. No seu trabalho recorre ao corpo e o auto-retrato como veículo principal. Após anos como autodidata, em 2019 frequenta o Mestrado em Fotografia Artística no IPCI, no Porto. Começa então a usar uma câmara analógica de médio formato, o que lhe permitiu encontrar uma linguagem estética própria. Ainda em 2019 cria os retratos do livro *Histórias do fogo, relatos de heróis com rosto* de Rita Fernandes Martins. Desde 2019 até ao presente está a desenvolver um trabalho documental sobre o fenómeno da neo-ruralidade nas montanhas centrais de Portugal, onde reside.

Juliana Maar commence la photographie en 2013. Elle tient sa première exposition en 2014 à la Pickpocket Gallery de Lisbonne. En 2016, elle participe à l'exposition collective *Émotions Photographiques* à la galerie in)(between à Paris. La même année, elle collabore avec l'éditeur Do Lado Esquerdo pour le livre *Há dias II*. Son travail utilise principalement le corps et l'autoportrait. Après des années en autodidacte, elle suit un Master en Photographie Artistique à l'IPCI de Porto en 2019. Elle commence alors à utiliser une caméra analogique moyen format, trouvant ainsi son propre langage esthétique. Toujours en 2019, elle crée les portraits du livre *Histórias do fogo, relatos de heróis com rosto* de Rita Fernandes Martins. Depuis 2019, elle développe un travail documentaire sur le phénomène de néo-ruralité dans les montagnes centrales du Portugal, où elle réside.



Untitled, 2014,
23 x 27 cm, papel Fujiflex.



Éventail, 2014,
27 x 23 cm, papel Fujiflex.



Série *Les femmes fontaines, Voie lactée*, 2012,
37 x 55 cm, papel Kodak Endura N.

Marianne Marić (1982)

Formada pela Escola nacional superior de arte e design de Nancy, Marianne Marić é fotógrafa. A sua prática da fotografia analógica não exclui projetos de escultura, coreografia e vídeo. Aprimorando a sua técnica, aperfeiçoa-se na revelação analógica no mítico laboratório parisiense Imaginoir. Posteriormente, instala-se em Sarajevo, para conhecer a sua história familiar. Nesta cidade realiza um importante trabalho documental fotográfico. No ano seguinte, continua a sua pesquisa na Sérvia. Uma importante monografia intitulada *Filles de l'Est* é-lhe dedicada pela Filature em Mulhouse em 2017. Esta monografia será integralmente apresentada no Landskrona Foto Festival na Suécia, em 2018. Em 2019, Marianne Marić é a convidada de honra do Festival Internacional de Fotografia de Valparaíso no Chile (FIFV), o maior festival de fotografia da América Latina.

Formée à l'École nationale supérieure d'art et de design de Nancy, Marianne Marić est photographe. Sa pratique de l'argentique n'exclut pas des projets relevant de la sculpture, de la chorégraphie et de la vidéo. Elle affine sa technique et se perfectionne au tirage argentique dans le mythique labo parisien Imaginoir. Elle s'installera ensuite à Sarajevo afin d'approfondir son histoire familiale. Un important travail photographique documentaire y est mené. L'année suivante, elle poursuit sa recherche en Serbie. Une importante monographie intitulée *Filles de l'Est* lui est consacrée par la Filature à Mulhouse en 2017. Celle-ci sera intégralement reprise pour le Landskrona Foto Festival en Suède en 2018. En 2019, Marianne Marić est l'invitée d'honneur du Festival International de Photographie Valparaíso au Chili (FIFV), le plus grand festival de photographie d'Amérique Latine.



Le Jardin d'Haggadab, 2012,
48 x 32 cm, papel Warmtone Berger.



Les Fleurs du Mal, 2012,
52 x 36 cm, papel Ilford 1K.



Belfast, 1981,
53 x 36 cm, papel Fujiflex.

Yan Morvan (1954)

Após estudar matemática e cinema, Yan Morvan realizou reportagens sobre os Hells Angels de Paris e sobre as prostitutas de Banguecoque. Em 1976, publicou o seu primeiro livro sobre roqueiros, *Le Cuir et le baston*. Mais tarde, integrou a equipa do *Paris Match* e, em seguida, do *Figaro Magazine* até 1980. De 1980 a 1988, juntou-se à agência Sipa e tornou-se correspondente permanente do semanário americano *Newsweek*, para o qual cobriu os principais conflitos, e mesmo o casamento da Princesa Diana. As suas reportagens de guerra valeram-lhe o prémio Robert Capa pelo seu trabalho no Líbano em 1983, dois prémios World Press Photo e numerosas recompensas atribuídas pelas escolas de jornalismo americanas. Desde 2004, tem realizado reportagens sobre temas de fundo: os subúrbios e as vítimas de guerra ou de acidentes rodoviários. Yan Morvan é hoje considerado um dos maiores fotojornalistas franceses.

Après des études de mathématiques puis de cinéma, Yan Morvan effectue des reportages sur les Hells Angels de Paris, puis sur les prostituées de Bangkok. En 1976, paraît son premier livre sur les roqueurs, *Le Cuir et le baston*. Plus tard, il intègre l'équipe de *Paris Match*, puis celle du *Figaro Magazine* jusqu'en 1980. De 1980 à 1988, il rejoint l'agence Sipa et devient correspondant permanent de l'hebdomadaire américain *Newsweek*, pour

lequel il couvre les principaux conflits et même le mariage de Lady Diana. Ses reportages de guerre lui vaudront le prix Robert-Capa, pour son travail au Liban en 1983, deux prix du World Press Photo et de nombreuses récompenses décernées par les écoles de journalisme américaines. Depuis 2004, il enchaîne les reportages sur des sujets de fond : les banlieues et les victimes de guerre ou de la route. Yan Morvan est aujourd'hui considéré comme l'un des plus grands photojournalistes français.



Beyrouth, 1985,
54 x 43 cm, papel Foma 131.

Thomas Paquet (1979)

Artista franco-canadiano, Thomas Paquet tem realizado, nos últimos dez anos, um trabalho centrado nas características fundamentais da fotografia. Paquet aborda a fotografia de maneira direta e prática, partindo primeiro da matéria e do gesto, num ato de resistência à vulgarização do digital: os processos históricos estão no coração do seu processo criativo. Representado pela galeria Bigaignon desde 2017, o seu trabalho foi objeto de várias exposições individuais e coletivas em galerias, sendo também apresentado em diversos salões e feiras, como Paris Photo, Art Paris, Art Brussels ou Approche. As suas pesquisas foram mostradas, em 2023, na Biblioteca nacional de França. Em 2024, participa em várias exposições coletivas em Paris e Cherbourg. Tem vários projetos em curso.

Artiste franco-canadien, Thomas Paquet réalise depuis une dizaine d'années un travail autour des caractéristiques fondamentales de la photographie. Il approche la photographie de manière directe, pratique, partant d'abord de la matière et du geste, dans un acte de résistance à la banalisation du numérique : les procédés historiques sont au cœur de son processus de création. Représenté par la galerie Bigaignon depuis 2017, son travail a fait l'objet de plusieurs expositions personnelles et collectives en galerie, et a également été présenté sur divers salons et foires comme Paris Photo, Art Paris, Art Brussels ou Approche. Ses recherches ont notamment été montrées en 2023 à la Bibliothèque nationale de France. Il participe en 2024 à plusieurs expositions collectives à Paris et à Cherbourg. Plusieurs nouveaux projets en cours de réalisation.



Horizon #18, 2015, ampliação a partir de negativo 4x5 inches,
33 x 37 cm, papel Kodak Endura N.



Horizon #19, 2015, ampliação a partir de negativo 4x5 inches,
33 x 37 cm, papel Kodak Endura N.



Glaïeul (placa de vidro colódio), 2017,
27 x 36,5 cm, papel Foma 131.



Disparition 3, (placa de vidro colódio), 2016,
27 x 36,5 cm, papel Foma 131.

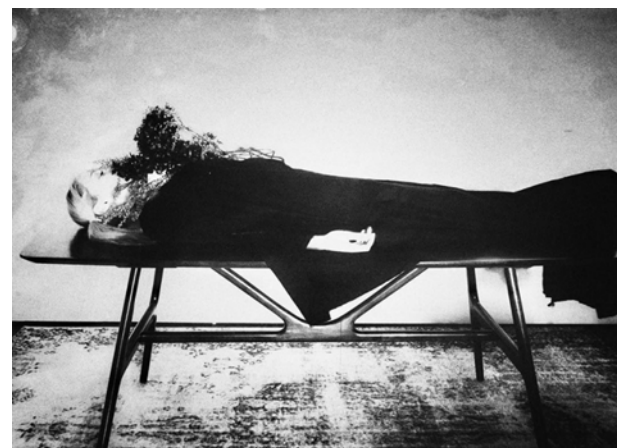
Jean-Phillippe Pernot (1966)

Jean-Philippe Pernot, autor, procura testemunhar a “transfracção” usando diferentes meios. Fotografia, poesia, literatura, imagem animada... Todo o seu trabalho se desdobra em diferentes tempos e lugares para criar uma obra através de metamorfoses. No seu trabalho fotográfico, a oxidação, a sombra e o tecido revelam-se na medida do tempo passado, que grava mais do que imprime. As ilustrações resultantes criam uma ponte para o sensível e revelam as mentiras do tempo congelado, encapsulando as suas errâncias, manifestações e desaparecimentos, expondo-os numa imagem como num quadro fora do tempo. Ele vive e trabalha aqui e ali.

Jean-Philippe Pernot, auteur, cherche à témoigner de la « transfraction » en usant de différents média. Photographie, poésie, littérature, image animée... L'ensemble de son ouvrage se déploie en différents temps et lieux pour faire œuvre par jeu de métamorphoses. Dans son travail photographique, l'oxydation, l'ombre, le tissu se révèlent à la mesure du temps dépassé qui grave plus qu'il n'imprime. Les illustrations qui en résultent font pont vers le sensible. Et révèlent les mensonges du temps figé par une encapsulation de ses errances, de ses manifestations, de ses disparitions, en les exposant dans une image comme dans un cadre hors du temps. Il vit et travaille ici et là.

Reflektor alias Jini Afonso (1979)

Reflektor, alias Jini Afonso, nascida em Reykjavik, estudou Filosofia, Ciências da Informação, Hipnose Clínica e Crítica de Arte em Lisboa e Londres. Começou a fotografar durante viagens pela África e pelo Médio Oriente, enquanto praticava yoga e meditação nos Himalaias. Recentemente, interessou-se pelo xamanismo e pelas artes performativas. Vive e trabalha em Lisboa. Na exposição *Fulgurations*, apresentada na galeria Rachel Hardouin em 2022, os seus auto-retratos questionam a percepção de si, as normas sociais e os papéis de género. Interpretando os símbolos do véu e do sudário, Reflektor explora a identidade através de uma série inquietante e comovente, refletindo os desafios da representação de si num mundo normativo.



Série, *Fulgurations*, 2022,
18 x 24 cm, papel Foma 133.



Série, *Fulgurations*, 2022,
18 x 24 cm, papel Foma 133.

Reflektor, alias Jini Afonso, née à Reykjavik, a étudié la philosophie, les sciences de l'information, l'hypnose clinique et la critique d'art à Lisbonne et Londres. Elle commence la photographie lors de ses voyages en Afrique et au Moyen-Orient, tout en pratiquant le yoga et la méditation au pied de l'Himalaya. Récemment, elle s'intéresse au chamanisme et aux arts performatifs. Elle vit et travaille à Lisbonne. Dans l'exposition *Fulgurations* présentée à la galerie Rachel Hardouin en 2022, ses autoportraits interrogent la perception de soi, les normes sociales et les rôles sexuels. En jouant avec les symboles du voile et du linceul, Reflektor explore l'identité à travers une série dérangeante et poignante, reflétant les défis de la représentation de soi dans un monde normatif.



To the light, 2020,
39,5 x 36 cm, papel Warmtone Bergger.



Writes history, 2020,
44 x 36 cm, papel Warmtone Bergger.



Herself, 2020,
36 x 35,5 cm, papel Warmtone Bergger.

Yulia Shibirkina (1984)

Yulia Shibirkina, diplomada em artes plásticas com a tese “Um Dia na Vida”, nasceu e vive atualmente na Ucrânia. Neste momento trabalha no projeto de foto-vídeo #miraclegraphicarts, que reflete o cotidiano e destaca a importância de cada dia. Cria pinturas fotográficas usando a sua vida pessoal como fonte de materiais e ideias. Todos os dias ela aprende, experimenta e explora a relação entre luz e sombra. Esses acontecimentos surgem de forma secreta e silenciosa, permanecendo entre ela, o mundo exterior e o mapa fotográfico que representa o mundo interior. Shibirkina coleciona momentos de silêncio, encontrando poeira estelar e buracos negros nas suas imagens.

Yulia Shibirkina, diplômée aux beaux-arts pour sa thèse « Une journée dans la vie », est née et vit actuellement en Ukraine. Elle travaille sur un projet photo-vidéo #miraclegraphicarts, qui reflète son quotidien et souligne l'importance de chaque jour. Elle crée des peintures photographiques en utilisant sa vie comme source de matériaux et d'idées. Chaque jour, elle apprend, expérimente et explore la relation entre la lumière et l'ombre. Ces événements se déroulent secrètement et silencieusement, restant entre elle, le monde extérieur et la carte photographique représentant le monde intérieur. Elle collectionne les moments de silence, trouvant de la poussière d'étoiles et des trous noirs dans ses images.



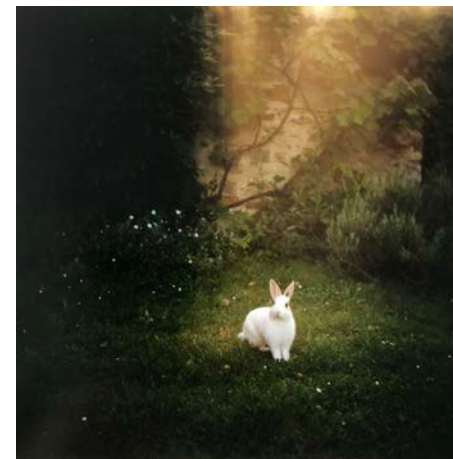
Musculdy, France, 2006,
17 x 17 cm, papel Kodak Endura N.



Gotein Libarenx, France, 2009
17 x 17 cm, papel Kodak Endura N.

Patrick Taberna (1964)

Apaixonado por fotografia, Taberna integrou, pouco depois de se mudar para Paris em 1987, o Clube Fotográfico dos 30x40 (criado em Paris em 1952 por Roger Doly). A partir de 1996, o seu trabalho tornou-se mais pessoal e Sylvie, sua mulher, tem vindo a marcar presença nas suas imagens. Em 1997, para agradecer àqueles que lhe despertaram o gosto pela viagem e pela fotografia, enviou por correio as 37 impressões analógicas da série *Passage en ouest* a dez pessoas, incluindo Nicolas Bouvier,



Bois le Roi, France, 2008,
17 x 17 cm, papel Kodak Endura N.

Jacques Lacarrière, Paul Bowles, Bernard Plossu e Robert Frank. Em 2000, nasceu o seu filho Clément, que ele fotografa regularmente, assim como a sua filha Héloïse, nascida em 2003. Em 2004, recebeu o Prémio HSBC para fotografia. O seu trabalho é exposto em França e no exterior, especialmente no Japão, onde publicou duas monografias: *À contretemps* e *Du Portugal, frôlement*.

Passionné de photographie, il rejoint peu après son installation à Paris en 1987 le Club photographique des 30x40 (créé en 1952 par Roger Doly). À partir de 1996, son travail devient plus personnel et Sylvie, sa femme, est de plus en plus présente dans ses images. En 1997, pour remercier ceux qui lui ont donné le goût du voyage et de la photographie, il envoie par courrier les 37 tirages argentiques de la série *Passage en ouest* à dix personnes, dont Nicolas Bouvier, Jacques Lacarrière, Paul Bowles, Bernard Plossu et Robert Frank. En 2000, naît son fils Clément, qu'il photographie régulièrement, ainsi que sa fille Héloïse, née en 2003. En 2004, il reçoit le Prix HSBC pour la photographie. Son travail est exposé en France et à l'étranger, notamment au Japon où il a publié deux monographies : *À contretemps* et *Du Portugal, frôlement*.



Les oiseaux, Brune, 2012,
27 x 41,5 cm, papel Fujiflex.

Clémence Veilhan (1980)

Clémence Veilhan é fotógrafa, desenhadora e escritora. O seu trabalho fotográfico tem sido objeto de exposições individuais, nomeadamente no Centre national chorégraphique d'Orléans, ou em Paris na Galerie Laure Roynette e no Espace Mycroft. Foi também exibido em exposições coletivas, como no museu Le Mucem em Marselha, ou em Paris no 104, bem como no Point Éphémère. Desde 2007, realiza vários projetos fotográficos em analógico, incluindo *Chewing-Girls* e *Les oiseaux*. O seu trabalho aborda as relações entre imagem, narração literária e representações do íntimo. Em 2018, obteve um mestrado em escrita criativa pela École nationale supérieure des arts visuels de La Cambre, em Bruxelas, Bélgica. Em 2023, publicou o seu primeiro romance, *Si blanche est la nuit*, pelas edições Exils, sobre experiências sentimentais e fotográficas.

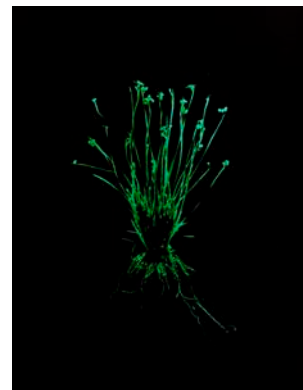
Clémence Veilhan est photographe, dessinatrice et écrivaine. Son travail photographique fait l'objet d'expositions personnelles, notamment au Centre national chorégraphique d'Orléans, ou à Paris à la Galerie Laure Roynette et à l'Espace Mycroft. Il est également montré dans des expositions collectives, comme au musée Le Mucem à Marseille, ou à Paris au 104, ainsi qu'au Point éphémère. Depuis 2007, elle réalise plusieurs sujets photographiques en argentique dont *Chewing-Girls* et *Les oiseaux*. Son travail porte sur les relations entre image, narration littéraire et représentations de l'intime. En 2018, elle obtient un master d'écriture créative de l'École nationale supérieure des arts visuels de La Cambre à Bruxelles, en Belgique. En 2023, elle publie un premier roman *Si blanche est la nuit*, aux éditions Exils, autour d'expériences sentimentales et photographiques.



Les oiseaux, Molly, 2012,
27 x 41,5 cm, papel Fujiflex.



Papel Baryté Foma 132



Papel Kodak Endura N



Papel Kodak Endura N



Papel Baryté Foma 132

L'Herbe aux yeux bleus,
2022, photogrammes,
tirages uniques, 50 x 60 cm

Sophie Zénon (1965)

Sophie Zénon estudou história e arte contemporânea na Universidade de Rouen, e ainda etnologia na EPHE em Paris. Iniciou a sua prática fotográfica no final da década de 1990 na Mongólia, país que a fascina pela relação íntima dos seus habitantes com a natureza e as forças espirituais que a animam. Marcada por esta experiência, articula hoje o seu trabalho em torno de temas recorrentes: memória, história, perda, passagem do tempo. A sua obra desenvolve-se numa narrativa polifónica, revelando o importante lugar que o artista dá à experimentação, à materialidade e à hibridação de suportes. Da sua prática nascem obras orgânicas, vibrantes e poéticas, guiadas pelas noções de fragilidade, impermanência e sopro de vida. As suas obras foram incluídas em prestigiadas coleções públicas, como a Biblioteca Nacional de França, Casa Europeia da Fotografia, Mobilier National e numerosas coleções privadas. Os seus trabalhos têm sido expostos tanto na Europa como noutros continentes, desde os anos 2000.

Sophie Zénon a étudié l'histoire contemporaine et de l'art à l'Université de Rouen, puis l'ethnologie à l'EPHE à Paris. Elle débute sa pratique photographique à la fin des années 1990 en Mongolie, un pays qui la fascine pour le rapport intime de ses habitants à la nature et aux forces spirituelles qui l'animent. Marquée par cette expérience, elle articule aujourd'hui son travail autour de thèmes récurrents : la mémoire, l'histoire, la perte, le passage du temps. Son œuvre se déploie en une narration polyphonique, révélant la place importante qu'accorde l'artiste à l'expérimentation, à la matérialité et à l'hybridation des médiums. De sa pratique naissent des œuvres organiques, vibrantes et poétiques, guidées par les notions de fragilité, d'impermanence et de souffle de vie. Ses œuvres ont intégré des collections publiques prestigieuses telles que la Bibliothèque nationale de France, la Maison européenne de la photographie, le Mobilier national et de nombreuses collections privées. Elles sont exposées en Europe et à l'international depuis les années 2000.



© Fondation Gilles Caron

Gilles Caron, Abril de 1970, Camboja, antes do seu desaparecimento.
Gilles Caron, avril 1970, Cambodge, avant sa disparation.

*« Querido Diamantino, desde 2009 que partilhamos
fotografias de Gilles em toda a sua amplitude e riqueza.
Tu e a tua equipa partilham a vida dele connosco
e ainda temos muito trabalho pela frente.
Querido Dia, obrigado pela Fundação, obrigado
por nós, obrigado por Gilles. Beijo »,*

Marianne Caron-Montely

*« Cher Diamantino, depuis 2009 nous partageons
les photos de Gilles dans son étendue et sa richesse.
Ton équipe et toi partages sa vie avec nous
et nous avons encore beaucoup de travail.
Très cher Dia merci pour la Fondation, merci
pour nous, merci pour Gilles. Je t'embrasse »,*

Marianne Caron-Montely

Agradecimentos

Esta exposição e o seu catálogo não teriam sido possíveis sem a cumplicidade, generosidade e paixão das seguintes pessoas: Aída Augusto, Domingos Jaques, Josefina Fernanda e outros Antonio Bouças, Rogério Barreto (Fórum Cultural das Neves), Thu-Huyen Hoang, Rolando Quintas, Sabine Guedamour, a equipa de Diamantino Labo Photo, e da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Uma grande obrigado ao Atelier Image Collée pelo emolduramento excepcional da obra *Rio Neiva*.

Agradecemos também:



© David Dupont

A equipa Diamantino Labo Photo: Romain Hemon, Nicolas Blanco, Sabine Guedamour (emolduramento), Diamantino Quintas, Joëlle Cordero, assim como os estagiários Elliot Lesage e Margaux Etienne.

As imagens presentes nesta obra são reproduzidas com a autorização dos respetivos autores. Qualquer reprodução, mesmo parcial, é proibida sem a autorização prévia do editor e dos detentores dos direitos. Conceção editorial e gráfica: Thu-Huyen Hoang. Textos: Rogério Barreto, Josefina Fernanda Bouças, Domingos Jaques, Thu-Huyen Hoang, Michel Poivert, Diamantino Quintas, Rolando Quintas.

Composto em agosto de 2024 por Gráfica Visão, Viana do Castelo, Portugal.
ISBN: 979-10-415-5276-4



@diamantinolabophoto.labo
@camaramunicipalvianacastelo